

Fotos: Arquivo pessoal



Vitor Schiotti/Divulgação



Em 2015, recebendo honraria do rei Philippe, da Bélgica



No Togo, com entidade tradicional, mulheres e guerreiros Xangô

Com filhos, irmãos e colegas, na banca que o reconheceu professor titular



Visita do geógrafo Milton Santos à UnB: "Siga em frente", disse o mestre ao conhecê-lo

protestos da mãe e com o incentivo do pai, ele se inscreveu na seleção do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB) e foi aceito. "Não era para você ser professor", reclamava a mãe, sem sucesso. "Eu já sou", respondia Rafael, prestes a embarcar para o Planalto Central. "Eu acredito bem nisso, e continuo acreditando: a arte e a educação são duas portas concretas para transformar."

O digital e a tradição

O doutorado, Rafael cursou na Poli, da Universidade de São Paulo (USP), na área de geoprocessamento. Em 2015, tornou-se o primeiro negro professor titular da UnB. O projeto Geoafro, inclusive, adiantou os principais aspectos da inteligência artificial tão popular na atualidade,

respondendo a perguntas sobre o Brasil africano em uma plataforma digital. O professor mapeou todas as principais conquistas do movimento negro nos últimos 70 anos, desde os primeiros movimentos sociais no Sul do país até a decretação do feriado nacional para celebrar o Dia da Consciência Negra. "Isso é geografia automatizada. Isso é ordenamento do território conectado com populações invisibilizadas secularmente", descreve o professor. "São territorialidades. E quando estou falando em territorialidade, estou falando de identidade, de pertencimento."

O resultado, visível nos mapas e que Rafael acompanhou ao longo da trajetória acadêmica, é uma mudança expressiva, tanto de participação dessa população quanto de visibilidade aos problemas que emergem do racismo. "Hoje,

sentamos em uma mesa de decisões e o Brasil africano tem um lugar. Isso já está colocado, mas foi uma construção. Hoje, a Universidade de Brasília para no mês de novembro. Eu sou da geração que construiu esse caminho", detalha.

Estudo da diáspora

As portas se estenderam quando, numa viagem quase que por acaso à Bélgica, Rafael conheceu o Museu Real da África Central. A epifania causada por esse encontro causou uma inquietude tão grande que o professor voltou, pouco tempo depois, para se debruçar por uma semana inteira no arquivo histórico da instituição.

"Vi os mapas do século 16, vi as fotografias do século 19, vi o acervo geográfico, cartográfico, fantásticos,

do período da dominação belga do século 19. Quem tinha ido lá era Yeda Castro, a linguista, 30 anos antes. Então, depois de 30 anos, voltei eu, outro brasileiro, para mexer nessas referências geográficas, cartográficas da diáspora África-Brasil", detalha. E não parou por aí: conseguiu ser contemplado com uma bolsa de pós-doutorado no país europeu para estudar o fenômeno. A pesquisa incluiu uma temporada no Congo e em Angola.

Um mundo de (re)descobertas se abre nesse momento para Rafael. Os mapas do continente africano dos séculos passados revelam vários antigos reinos, chefarias e idiomas. "Era uma realeza que vinha para cá", desvela o professor. "As línguas bantu ajudaram o nosso português, o português de Portugal, a ficar mais macio, e de maneira brilhante. O

negro virou 'meu nego', minha nega' Aliivou a carga da violência. Então, as línguas africanas amaciaram o nosso português, por isso que aqui é único. As línguas indígenas, também."

Hoje, além de professor da Pós-Graduação na UnB, dá aulas como docente convidado na UFBA e segue na pesquisa no Instituto Káwo, seguindo a orientação que recebeu, anos atrás, do geógrafo negro Milton Santos, referência no país: "Vai dar certo! Siga em frente".



Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira os mapas